



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

---

### **“EU TENHO ORGULHO DE SER COMO SOU”:** gênero e sexualidade nas cenas musicais

### **“I AM PROUD TO BE HOW I AM”:** gender and sexuality in music scenes

Karina Moritzen Barbosa

**Palavras-chave:** cenas musicais; feminismo; *Riot Grrrl*.

#### **Capítulo 1: O Conceito de Cenas Musicais e Sua Importância**

William Straw, professor da Universidade McGill no Canadá e pesquisador do projeto extinto “*The Culture of Cities*” coordenado por Alan Blum, tornou-se nos últimos anos um pioneiro no estudo das cenas musicais e de sua relação com a cultura das cidades. Em 1991, publicou o artigo “*Systems of Articulation, Logics of Change: communities and scenes on popular music*”, onde criou um conceito que afastava-se da definição então vigente de comunidade musical e subculturas. Sua pesquisa dedicava atenção à cena do *rock* alternativo e da *dance music* em Montréal. Segundo Straw:

Como ponto de partida, é possível colocar uma cena musical como distinta, de modo significante, da velha noção de comunidade musical. A última pressupõe um grupo populacional cuja composição é relativamente estável - de acordo com uma ampla gama de variáveis sociológicas - em que o envolvimento com a música toma a forma de uma contínua exploração de um ou mais idiomas musicais pronunciados que são enraizados dentro de uma herança geográfica e histórica específica. Uma cena musical, em contraste, é um espaço cultural em que uma diversidade de práticas musicais coexistem, interagem umas com as outras em meio a uma variedade de processos de diferenciação, de acordo com uma ampla variedade de trajetórias, de mudanças e hibridismos. (STRAW, 2012, p. 115)



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

O uso do conceito de cenas musicais tem se mostrado de extrema importância dentro dos estudos da comunicação. O tema transformou-se em um campo bastante prolífico atraindo o interesse de vários pesquisadores no Brasil (DE SÁ, JANOTTI JUNIOR, 2013; OLIVEIRA, 2018).

Nos últimos anos, o desenvolvimento das tecnologias de informação e gravação tem revolucionado o mundo da música. Discos são gravados em quartos, divulgados em plataformas digitais, e turnês são frequentemente organizadas com o auxílio de redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, contando com a ajuda de fãs que saíram da condição de meros expectadores para assumirem o papel de produtores (BENNET e PETERSON, 2004).

Não obstante os recentes impactos dos estudos pós-coloniais, as pesquisas ao redor das cenas musicais e da musicologia demoraram a levar em consideração as relações entre cenas musicais, raça e colonialismo (BORN e HESMONDHALGH, 2000). Costuma-se dedicar aos países em desenvolvimento um tipo de olhar comparativo, esperando do então chamado terceiro mundo uma aparência exótica e peculiar, quando muitas vezes somos apenas um reflexo da globalização com a qual crescemos e que espontaneamente moldou a maneira de nos relacionamos e nos expressarmos. Por este motivo, considero de extrema relevância os recentes estudos em cenas musicais no Brasil, no sentido de registrar e por consequência enaltecer o trabalho dos artistas brasileiros, que por si só representam uma importante afirmação de identidade em contraste às pressões culturais exercidas pelos países privilegiados pela história.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

### **Capítulo 2: A Nova Diáspora Brasileira: Os Defensores das Causas das Mulheres e dos LGBTs na Frágil Democracia Brasileira**

As cenas musicais, assim como a sociedade nas quais elas se encaixam, têm sido um campo de batalha para a afirmações de gênero como identidade e transgressão. Em um país notoriamente machista<sup>1</sup>, os ideais reacionários tomam cada vez maior espaço de destaque na política e na mídia. Este fato é especialmente notável desde o golpe parlamentar sofrido pela presidenta Dilma Rousseff em 2016 (MILAN, 2016), que por sua vez culminou na eleição do candidato de extrema direita Jair Bolsonaro em 2018.

Ao som das panelas, um artefato simbólico, enquanto estigma, na vida das mulheres, o impeachment em 2016, durante o segundo mandato de Rousseff, deu um fim melancólico à passagem da primeira mulher pela presidência da República brasileira. E mais uma vez, ao modo de 1932, o silêncio pairou sobre as questões de gênero e sobre as consequências do afastamento da presidenta à participação política das mulheres. Muito foi dito e escrito sobre os vieses político, econômico e jurídico do impeachment. Mas apesar do seu grande impacto simbólico para as mulheres, contingente significativo da população no país, as questões de gênero, que fizeram parte de modo contundente da campanha do impeachment foram minimizadas, relegadas ao status de problema menor. O que sem dúvida denota mais uma tentativa de silenciamento da história das mulheres no Brasil. (RUBIM e ARGOLLO, 2018, p. 12)

Como se a retirada forçada de Dilma Rousseff do poder em 2016 não fosse suficiente para refletir a insatisfação do brasileiro mediano com a realidade de uma mulher ocupando a cadeira mais importante do país, em 2018 o Brasil torna Bolsonaro seu representante. O atual presidente e seus discursos misóginos legitimam comportamentos retrógrados e sua chegada ao poder representa um retrocesso enorme para as reivindicações feministas.

---

<sup>1</sup> Uma pesquisa de 2016 da ONU Mulheres indica que para 81,2% dos homens e 94,8% das mulheres existe muito machismo no Brasil (ONU MULHERES, 2016).



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

Dentre as várias declarações polêmicas de Bolsonaro, encontram-se depoimentos gravíssimos do ponto de vista epistemológico e até humano. Como exemplos, é possível citar a afirmação feita em uma palestra no Clube Hebraica em 2017 de que após ter quatro filhos homens, sua quinta filha nasceu mulher devido a uma “fraquejada”<sup>2</sup>; e que não estupraria a deputada federal Maria do Rosário por ser muito “feia” e não “merecer”, fato que o tornou réu em um processo movido pela deputada por apologia ao estupro e que ainda está em andamento<sup>3</sup>.

Devido a constantes ameaças de morte, a professora e antropóloga da Universidade de Brasília (UNB) Débora Diniz foi levada a abandonar o país em Dezembro de 2018. Seu trabalho vai além do ambiente acadêmico, tendo Débora em 2004 auxiliado no Supremo Tribunal Federal a encampar uma ação para legalizar o aborto em fetos anencéfalos. A hostilidade direcionada à professora agravou-se quando em Maio de 2018 Débora tornou-se a idealizadora de uma nova campanha no STF pela descriminalização do aborto até a 12ª semana de gravidez. Além de linchamento virtual, a professora recebeu ameaças de morte contra si e aqueles ao seu redor, sendo então incluída no Programa de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos do governo que a aconselhou a deixar o Brasil.

Após Débora, Jean Wyllys – um dos únicos deputados federais assumidamente LGBT – decide abandonar o recém conquistado segundo mandato e deixar o país.<sup>4</sup> O presidente

---

<sup>2</sup> GUNKEL, Nicolas. “Piada de Bolsonaro sobre sua filha gera revolta nas redes sociais”. **Exame**. Publicado em: 18 set. 2017. Disponível em: <<https://abr.ai/2y8QDoU>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

<sup>3</sup> CURY, Teo; MOURA, Rafael Moraes. “Defesa pede que STF arquive ação penal em que Bolsonaro é réu por apologia ao estupro”. Publicado em: 29 ago. 2018. **Estadão**. Disponível em: <<https://bit.ly/2Tm8SAs>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

<sup>4</sup> MENDONÇA, Heloísa. “Ameaças de morte levam Jean Wyllys a desistir de mandato para deixar o Brasil”. **El País**. Publicado em: 25 jan. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2MHfy9J>>. Acesso em: 25 jan. 2019.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

eleito debocha em seu perfil no Twitter<sup>5</sup>, o único meio de comunicação pelo qual se dirige à sociedade civil, excluindo suas rotineiras entrevistas à rede Record. A perda de Jean Wyllys para o congresso federal representa um forte baque e é mais um indicativo da falta de tolerância à diversidade e aos militantes pelos direitos das minorias no parlamento. Ao sair do Brasil por temer por sua vida, Jean Wyllys pode ser considerado o primeiro exilado político do novo governo. A democracia brasileira mostra-se assim cada vez mais frágil, e a liberdade de expressão e pensamento é novamente um direito pelos quais os ativistas precisam lutar para recuperar.

Neste contexto sociopolítico, a música volta a representar um importante ambiente de contestação. Em um momento crítico para as pautas progressistas bem como para o desenvolvimento social e a diminuição da desigualdade como o que se experiencia atualmente, o ativismo advindo da arte e mais especificamente das cenas musicais ocupa um lugar de ainda maior relevância. Artistas feministas encontram na cena musical do punk rock uma maneira de expressar insatisfação com o *status quo* atualmente em vigor.

### Referências bibliográficas

- ALVES, Alexandre, et al. **100 discos do rock potiguar (para ouvir sem precisar morrer)**. Natal: 8 editora, 2016.
- BORN, Georgina; HESMONDHALGH, David. **Western music and its others: difference, representation, and appropriation in music**. London: University of California Press, 2000.

---

<sup>5</sup> O GLOBO. “Grande dia!, escreve Bolsonaro após Jean Wyllys anunciar decisão de deixar o país”. **O Globo**. Publicado em: 24 jan. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/2sMoods>>. Acesso em: 25 jan. 2019.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

CARR, David. Translator's Introduction. In: HUSSERL, Edmund. **The crisis of European sciences and transcendental phenomenology**: an introduction to phenomenological philosophy. Evanston: Northwestern University Press, 1970, p. xv-xliii.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CURY, Teo; MOURA, Rafael Moraes. “Defesa pede que STF arquite ação penal em que Bolsonaro é réu por apologia ao estupro”. **Estadão**. Disponível em: <<https://bit.ly/2Tm8SAs>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

FACEBOOK. "Q&Q PARTY - Visibilidade Lésbica". **Facebook**. S/data. Disponível em: <<https://bit.ly/2HFfXur>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

FACEBOOK. "Queers and queens festival". **Facebook**. Publicado em: 26 ago. 2016. Disponível em: <[encurtador.com.br/kvAJ2](https://encurtador.com.br/kvAJ2)>. Acesso em: 24 jan. 2019.

GUNKEL, Nicolas. “Piada de Bolsonaro sobre sua filha gera revolta nas redes sociais”. **Exame**. Publicado em: 18 set. 2017. Disponível em: <<https://abr.ai/2y8QDoU>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo**. 2. Sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HANKE, Michael. Comunicação, Cultura e Mundo da Vida: As contribuições de Jürgen Habermas e Alfred Schutz. In: **XVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 1-19, 2018.

MCROBBIE, Angela; GARBER, Jenny. Girls and subcultures. In: GELDER, Ken; THORNTON, Sarah. **The subcultures reader**. New York: Routledge (1997).

MENDONÇA, Heloísa. “Ameaças de morte levam Jean Wyllys a desistir de mandato para deixar o Brasil”. **El País**. Publicado em: 25 jan. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2MHfy9J>>. Acesso em? 25 jan. 2019.

MILAN, Marcelo. Restauração Oligárquica e Retomada Neoliberal Plena: Um Ensaio Sobre as Origens das Crises Gêmeas e do Golpe de Estado de 2016 no Brasil. **Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, Porto Alegre, RS, v. 5, p. 76-119, Jan./Jun. 2016.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

---

MISSAGGIA, Juliana. A noção husserliana de mundo da vida (Lebenswelt): em defesa de sua unidade e coerência. Marília: **Trans/Form/Ação**, v. 41, n. 1, p. 191-208, Mar. 2018.

O GLOBO. “Grande dia’, escreve Bolsonaro após Jean Wyllys anunciar decisão de deixar o país”. **O Globo**. Publicado em: 24 jan. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/2sMoods>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

ONU MULHERES. "RELATÓRIO FINAL QUANTITATIVO: PESQUISA ELES POR ELAS 2016". **ONU Mulheres**. Disponível em: <<https://bit.ly/2RYayn8>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

PIRES, Breiller. “Antropóloga convive com a “covardia da dúvida” de quem a ameaça de morte”. **El País**. Publicado em: 16 dez. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2MKc3zk>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

ROMANIA, Giovana. "CONHEÇA A SAPATARIA: BANDA LANÇA PRIMEIRO EP AUTO-INTITULADO". **Nação da música**. Publicado em: 18 set. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2ToJfPJ>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

SCHILT, Kristin. “Riot Grrrl Is...”: Contestation over Meaning in a Music Scene. In: BENNETT, Andy e PETERSON, Richard A. (Org.). **Music scenes: local, translocal and virtual**. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004. p. 115-130.

STRAW, Will. “A importância da ideia de cenas musicais nos estudos de música e comunicação”. Entrevista concedida a Jeder Janotti Jr. **E-Compós**. Brasília: **Com-pós**, v.15, n. 2, 2012.

\_\_\_\_\_. Scenes and sensibilities. **E-Compós**. Brasília: **Compós**, n. 6, 2006.

\_\_\_\_\_. Systems of Articulation, Logics of change: Scenes and Communities in Popular Music. **Cultural Studies**, vol. 5, n. 3, p. 361-375, Oct. 1991.

STRONG, Catherine. Grunge, Riot Grrrl and the Forgetting of Women in Popular Culture. **The Journal of Popular Culture**, v. 44, n. 2, p. 398-416, 2011.

WAGNER, Helmut R. **Fenomenologia e Relações Sociais: Textos Escolhidos de Alfred Schutz**. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.